

MEDICALIZAÇÃO: A FUNÇÃO MATERNA E SEU DESEJO PERANTE A CRIANÇA ESQUIZOFRÊNICA

Bruna Rafaela Farias (Programa de Iniciação Científica-FUNPESQ, Laboratório de Estudos em Psicanálise, Faculdade de Apucarana, Apucarana-PR, Brasil); Marina Pinto de Paula (Laboratório de Estudos em Psicanálise, Faculdade de Apucarana, Apucarana-PR, Brasil. Orientadora); Edinei Hideki Suzuki (Laboratório de Estudos em Psicanálise, Faculdade de Apucarana, Apucarana-PR, Brasil. Orientador).

contato: bruna-psico@bol.com.br

O presente trabalho tem como objetivo investigar, a partir da psicanálise Freud-lacaniana, a função que cumpre a vontade de medicar uma criança com diagnóstico de psicose na economia do desejo do Outro materno. Para Freud (1911/1996), os sintomas são produzidos pelo esquizofrênico como meio de cura, para deixar de ser o único objeto de desejo do Outro. No entanto, os medicamentos atuam suprimindo tais sintomas e, o esquizofrênico é impedido de sair da posição de objeto de quem exerce para ele a função materna. Ao medicalizar a criança esquizofrênica, impedindo a produção de sintomas, quais efeitos são produzidos neste Outro que demanda a medicalização? A esquizofrenia é abordada neste trabalho, especialmente pelo contato da autora com esquizofrênicos e com suas mães em um serviço de reabilitação psicossocial, que demandam incessantemente uma conduta terapêutica pela via da medicalização. Partindo da teoria de Lacan, que aborda o Pai como essencial na questão do complexo de Édipo, a função materna também é peça fundamental no complexo edipiano e, consequentemente, na constituição das estruturas psíquicas. Segundo Nasio (1997), o Nome-do-Pai consiste em um significante que representa a expressão simbólica gerada pela mãe ou pela criança, sendo denominado por Lacan de metáfora paterna, que vem para substituir o desejo da mãe, instituindo a lei que proíbe o incesto. Quinet (1997) explica o aparecimento da metáfora paterna, a partir da inclusão do Nome-do-Pai que se concretiza, ocorrendo, enfim, a castração. De acordo com Dor (1991), Lacan formula que a não-inscrição do significante Nome-do-Pai na relação mãe-criança origina a forclusão do Nome-do-Pai, mecanismo específico da psicose e indicador da não-inclusão do significante da lei. O Nome-do-Pai está foracluído quando o discurso materno o despreza, não permitindo que tenha lugar para existir. Assim, a criança é impedida de ser castrada não tendo acesso ao mundo simbólico, o que consuma sua posição estrita de objeto em relação à mãe. Para a psicanálise, o sintoma expressa, por meio da linguagem, a realidade psíquica do sujeito. Desse modo, é a partir do sintoma que a medicação é prescrita. Com isso, muitas crianças são diagnosticadas com diversas patologias detectadas através do sintoma e, para cada uma delas receitam-se psicofármacos específicos, caracterizando a prática polifarmacológica, explica Sibemberg (2011). A presente pesquisa, que é de um projeto de iniciação científica e ainda está em andamento, é de natureza qualitativa, em que se realiza uma revisão bibliográfica de Freud e dos comentadores de Lacan e Freud, a fim de buscar uma resposta para a interrogação inicial. Como hipótese inicial de trabalho tem-se, que a vontade de medicalizar uma criança esquizofrênica afeta o desejo do Outro materno, que já está comprometido em função de ter estruturado uma psicose esquizofrênica, no sentido de sustentar seu apagamento, sua inexistência. Isto é, que as manifestações dos sintomas esquizofrênicos da criança, que são uma tentativa de cura, segundo Freud (1911/1996), para sair dessa posição de objeto, são intoleráveis, uma vez que mexe com este lugar reservado para a criança, desde sempre, na economia libidinal desejante desse Outro materno.

Palavras-chave: Outro materno. Psicose. Psicofármacos.